

A Educação Popular e o CEAAL na linha do tempo memórias e reflexões de um educador dos anos sessenta¹

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br***

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

¹ Escrito enviado para a Revista Piragua, do CEAAL, a pedido do pessoal de lá.

Vindos de tão longe no tempo

Começo este escrito mais de memórias do que de ideias com um inevitável estranhamente. Venho neste segundo semestre do ano de 2017 de inúmeros encontros na Colômbia, no Uruguai, na Argentina e no Brasil, junto a educadores e outros militantes das causas populares. E me espantava em cada um dos eventos o ver como nos mais diferentes cenários alguns participantes de nossos encontros – e sobretudo os mais jovens - recordam os anos noventa como “um tempo de antigamente”. Afinal, para alguns “muitos anos” anos terão se passado desde quando se reconhecem como educadores populares. E num mundo de aceleração, pressa e descarte como o de agora, uma década dentro em pouco parecerá um século, e vinte anos parecerão “uma vida”. Pois devo dizer que para mim os anos noventa foram... “ontem”, e “tempo passado” é algo que precisa ter pelo menos cinquenta anos de idade. Eu mesmo venho de cinquentenários: em 2014 comemorei com pessoas amigas os meus “cinquenta anos de *educação popular*”, e neste 2017 festejo os meus cinquenta anos de professor. E parece que tudo começou... ontem.

O que narro aqui são acontecimentos derivados de minha vida como um educador popular, desde o começo dos anos sessenta até hoje. São fatos que partem de minha vida pessoal ao longo de seis décadas, mas cujo valor somente pode ser revelado quando tudo o que escrevo é pensado e compreendido no plural.

Tudo o que pensei, pensamos; tudo o que fiz, fizemos; tudo o que realizei, realizamos; tudo o que vivi, vivemos. Nenhuma ideia, nenhuma prática, nenhuma iniciativa é minha sem haver sido antes, durante e depois... nossa. Entre nós, educadores, todo o “eu” deve encontrar o “nós” que lhe atribui sentido e valor. Pois se o plural, o coletivo, o “entre-nós” é o fundamento e a verdade da experiência humana, na prática da *educação popular* este solidário sentido de “noscidade” revela-se em toda a sua absoluta densidade.

Sou um educador porque aprendo a sair de mim-mesmo em busca dos meus outros com quem desejo partilhar aquilo que costumamos sintetizar como “conhecimento”. Algo que na verdade desdobra-se entre o que é o mais humano em nós mesmos: os nossos símbolos, as nossas sensibilidades, os nossos saberes, os nossos sentidos, os nossos significados e as nossas sociabilidades, aquilo que nos leva, juntos, a não apenas habitar em um mundo, mas construir o mundo que habitamos.

Sou um educador popular quando aprendo a sair de minha própria classe e, não raro, de minha própria cultura (no singular ou no plural) e atravessar mundos sociais para interagir em entre-fronteiras e em entre-lugares, com cenários, culturas e pessoas que por serem *outras* me obrigam a viver a educação como uma construção de diálogos. E que por serem *populares* (operárias, camponesas, quilombolas, sertanejas, indígenas) me obrigam a viver a educação como um projeto cujo sentido está em uma partilhada e progressiva transformação de mentes e mundos.

Somos as pessoas que coletivamente decidem somar-se com os “deserdados da terra e da Terra”, com os povos do “Povo do Mundo”. Nós pensamos e agimos em nome e a serviço dos homens e das mulheres que por serem os mais “postos à margem” sob um sistema de poderes, de ideias e de valores (na verdade, de des-valores) arbitrários, opressivos, excludentes e colonizadores, são para nós os autores-atores a quem, pessoal e coletivamente, caberá estar na linha de frente em toda uma justa e inevitável luta insurgente e emancipadora.

Assim, ao seguirmos a trilha tomada não apenas por Paulo Freire, individualmente, mas por todas as equipes, círculos e comunidades de que ele fez parte ao longo de sua vida, descobrimos que de então em diante toda uma individualista vaidade acadêmica termina. E, então, o que se desdobra diante de nós é um *apagar-se* a si-mesmo e um *apegar-se* aos seus outros.

E com eles seguir adiante, juntos.

Tantos anos depois, se acaso me fosse atribuído o desafio de sintetizar em um pequeno punhado de “sentenças geradoras” as ideias fundadoras que, precedidas cada uma de um verbo, sinalizassem para nós os rumos e os desafios ao estilo *Pedagogia do Oprimido*, eu as desdobraria assim, pensando sobre os efeitos da educação popular junto aos seus destinatários:

Viver a sua vida

Criar o seu destino

Dizer a sua palavra

Aprender o seu saber

Transformar a sua mente

Partilhar o seu pensamento

Recriar o seu mundo

Escrever a sua história

A memória dos começos – o conhecimento de Paulo

Para iniciar este relato pessoal e coletivo que deverá atravessar seis décadas de educação popular, devo lembrar que eu já era um jovem a caminho da universidade quando Fidel Castro e seus companheiros reinventaram Cuba. Eu bem que poderia ter sido um colega de estudos de Ernesto Che Guevara, ou um professor de Antropologia do jovem Camilo Torres. Atravessei os vinte e dois anos da ditadura militar do Brasil, primeiro como um estudante e, depois, como um professor e um militante da educação. Sofri com companheiros de meu País, da Argentina, do Chile e do Uruguai, os nossos governos militares.

Por pouco não conheci Paulo Freire bem antes do tempo em que nos tornamos amigos. Tenho comigo até hoje uma folha de papel mimeografada em que se lê: “*Encontro dos Educadores do Centro-Oeste do Brasil com Paulo Freire – Goiânia – 31 de março de 1964*”. Dei a ele o original e fiquei com uma cópia. Não pude ir ao “encontro”, e apenas em 1979 nós nos encontramos pela primeira vez.

Em 1964 Paulo Freire e sua equipe pioneira vinham das primeiras experiências nordestinas com o seu “método de alfabetização²”. Convocado pelo ministro da educação, ele preparava, junto com uma grande equipe, a “Campanha Nacional de Alfabetização”, que tendo a de Cuba como modelo, deveria estender-se a todo o País.

Em fevereiro de 1964, a *Viver é Lutar*, uma cartilha do *Movimento de Educação de Base*, fora apreendida pela polícia na gráfica onde fora impressa, e fora levada para a delegacia no Rio de Janeiro. O encontro entre Paulo e os educadores do Centro-Oeste do Brasil foi vivido na tarde do dia 31 de março. Na madrugada entre este dia e o dia 1º de abril, forças de direita iniciaram o golpe militar no País. A “Campanha” foi desativada antes de se iniciada. Paulo seria mais tarde preso e conduzido, junto com outros educadores, a um exílio de treze anos.

Aprendi desde o ano de 1962 as minhas primeiras lições vindas de um professor nordestino que anos mais tarde veio a ser um companheiro de trabalhos, de imaginários e de ideais. Comparti com Paulo Freire, dentro e fora do mundo da universidade – éramos professores da mesma *Universidade Estadual de Campinas*

² No entanto Osmar Fávero e eu temos insistido em lembrar que Paulo Freire e sua primeira equipe de educadores do Nordeste do Brasil (Aurenice Cardoso, Jarbas Maciel, Jomard Muniz de Britto) não criaram apenas um “método de alfabetização”. Desde o ano de 1960 o eu a equipe, então trabalhando no Serviço de Extensão Universitária da então Universidade do Recife (Hoje U. Federal de Pernambuco), projeta é todo um “Sistema Paulo Freire de Educação”. ele se inicia com a alfabetização de crianças, jovens e adultos, e em sua “quarta etapa” antecipa uma “universidade popular”. Escrevi um artigo sobre isto: *Paulo Freire – Cultura, Educação e Universidade*. Os documentos pioneiros da “equipe nordestina de Paulo Freire” podem ser encontrados em um livro organizado por Osmar Fávero: *Memória dos anos sessenta – cultura popular e educação popular*. Publicado pela Editora GRAAL, do Rio de Janeiro.

– longos e inesquecíveis momentos de estudos, aulas, falas e viagens. Vivemos juntos, rumo ao Centro-Oeste do Brasil, a primeira viagem dele quando de seu retorno ao Brasil. Entre a *UNICAMP*, o *CEAAL* e, mais tarde, o *Instituto Paulo Freire* partilhamos escritos e livros, viagens e encontros.

Lembro-me de que quando, depois de uma revolução sangrenta e gloriosa, os sandinistas tomaram o poder na Nicarágua, viajamos juntos para Managua, e com outras companheiras e companheiros fomos participar de um inesquecível encontro de presença e apoio aos sandinista.

Moacir Gadotti e Mauricio Tratengberg, Paulo Freire e eu fundamos na UNICAMP o *Centro de Estudos de Educação e Sociedade – CEDES*, que está ativo até hoje e edita uma das mais essenciais revistas sobre a relação educação-sociedade, no Brasil. Poucos anos adiante, a pedido do então nascente *Partido dos Trabalhadores*, Demerval Saviani, Paulo Freire, Moacir Gadotti e eu escrevemos uma pequena série de estudos sobre o lugar da educação em um partido político de vocação popular. Nossos escritos e a síntese deles saíram mimeografados em um dos “Cadernos do Trabalhador”, do PT.

No início dos anos oitenta o CEAAL começou a ser criado. Paulo foi convidado a ser o seu presidente de honra, e me lembro de haver composto uma primeira equipe de trabalhos de fundação. Em 1985 participamos como CEAAL da *Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos*, em Buenos Aires. Meses antes um pequeno grupo fundador do CEAAL reuniu-se em Buenos Aires para estabelecer a presença do “Conselho” na Conferência. Recordo algumas pessoas presentes, mas temo não lembrar de todas: Izabel Hernandez, da Argentina; Francisco Vio Grossi, do Chile; Budd Hall, do Canadá; Paulo Freire e eu, do Brasil. Lembro-me de que, convidado de improviso por uma comissão de educadores da Argentina, quando em uma sala do Hotel Bauman estávamos trabalhando, Paulo aceitou proferir uma conferência no Teatro San Martin, frente a mais de três mil pessoas³.

Em nossas reuniões Paulo comportava-se mais como quem escuta e aprende, do que como quem dita e ensina. Fui testemunha de como para ele o “círculo de cultura”, mais do que uma construção pedagógica para “os outros”, sempre foi o lugar em que ele mais se sentia a vontade. Bom falante e educador, ele era um excelente ouvinte e aprendiz.

³ Lembro que o CEAAL publicou em um pequeno volume mimeografado a fala de Paulo. Se título: *Paulo Freire en Buenos Aires*.

Educação popular – um apanhado de ideias vindas do passado para hoje

Não devemos esquecer os cenários entre a cultura e a política, em que por todo mundo – mas com um foco central na Ásia, na África e aqui na América Latina – surgiu o que mais adiante aprendemos a chamar de *educação popular*. Pois é no interior de tais cenários que toda uma teia de inovações insurgentes vai responder tanto pelos movimentos de emancipação na África, quando pela instauração entre nós, aqui na América Latina, de movimentos sociais populares. E, vinculada a eles, a *educação popular*.

Entre os anos sessenta e setenta diversos grupos étnicos e populares de libertação política recriaram diferentes estratégias de lutas de resistência – talvez mais adequado chama-las de “lutas de persistência” - como uma resposta à imposta e injustificada colonização “do Norte”. Entre a África e o Caribe algumas experiências de ação política descolonizadora resultaram em alternativas de libertação política. Não devemos esquecer que em seu bojo, entre a Argélia e Angola, pela primeira vez a África elaborou e exportou para a Europa toda uma *sociologia da descolonização*, cuja influência no pensamento social de nossa atualidade não foi pequena. Inclusive em Paulo Freire.

Ao longo deste mesmo período de tempo, e um pouco mais tarde, também a América Latina e o Caribe instauraram e difundiram por todo o continente algumas primeira novas ideias e propostas de ações sociais de vocação emancipatória. Pensamentos e ações que fundamentam e instrumentalizam uma série de movimentos e frentes de luta entre a *educação popular*, a *teologia da libertação*, a *mobilização emancipadora de “novas comunidades”* - como as *comunidades eclesiais de base* - os *sindicatos de operários e de camponeses*, os *movimentos sociais populares*, o *teatro do oprimido*, a *releitura latino-americana do marxismo* e a *investigação-ação-participativa*.

Lembremos que é na esteira do pensamento e da ação de pessoas como o Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, Franz Fanon, Paulo Freire, Camilo Torres, Gustavo Gutierrez, Ernesto Che Guevara, Adolfo Perez Esquivel, Maria Tereza Sirvent, João Bosco Pinto, Marcela Gajardo, Leonardo Boff, Orlando Fals Borda e João Francisco de Souza, entre tantas e tantos, que o *Terceiro Mundo* difundiu alternativas práticas de participação popular como formas atuais, originais e francamente contestatórias.

Novas propostas de pensar, partilha e agir, que ora se opunham a políticas conservadoras, intervencionistas e colonialistas diretas, como a *Aliança para o Progresso*; ora buscavam pensar em termos políticos e emancipadores o que iniciativas como a *educação permanente* e o *desenvolvimento e organização de*

comunidades, provenientes da UNESCO e da ONU, projetavam como algo social e regulador.

Alguns estudiosos da história cultural da América Latina lembram que entre os anos sessenta e oitenta, por uma primeira vez pensadores e ativistas sociais situados entre a Argentina e o México exportaram, individual e coletivamente, para o outro lado do Rio Grande e do Atlântico teorias e metodologias de ações fundadoras das iniciativas insurgentes de pensamento e ação lembradas acima. E veio o tempo em que um contingente grande e seletivo de homens e mulheres dos EUA e da Europa por uma primeira vez vieram “até nós” para nos ouvir e aprender conosco.

Um olhar preso por demais ao que acontece no interior do mundo científico-pedagógico-acadêmico, e menos sensível ao que estava e está se passando entre as suas margens ou fronteiras, em amplas áreas da Ásia e da Oceania, da África e da América Latina, nos induz a relativizar alguns fatos que foram e seguem sendo os mais relevantes, e até mesmo decisivos, na criação de momentos e de contextos que tornaram inevitável o surgimento da *educação popular* e, anos mais tarde, da *pesquisa-ação-participativa*.

Ora, qualquer que seja o nome originalmente dado às diversas propostas de alternativas participativas na educação e na investigação social com uma vocação insurgente e popular, sempre existiram evidentes sinais de convergência entre nós.

Todas elas foram geradas no interior, ou em regiões de fronteira de/entre diferentes unidades de ação social que atuam preferencialmente junto a grupos, comunidades, movimentos e outras unidades sociais de vida e de ação popular. A associação com a *educação popular* estará presente na imensa maioria dos casos.

Toda elas herdaram e reelaboram diferentes fundamentos teóricos e diversos estilos de construção de modelos de conhecimento social através de uma nova pedagogia, e de um novo olhar sobre a pesquisa científica, sobretudo em sua orientação social. Uma e outra surgiram no interior de um cenário de inovações emancipadoras que tornaram o período que vai do começo dos anos sessenta a meados dos anos oitenta, um dos tempos mais fecundos de inovações insurgentes. E não devemos esquecer que pelo menos no “Cono Sur” aqueles foram anos marcados pela instauração forçada de regimes ditatoriais e militares.

Reconhecendo-se como feixe de alternativas de projetos de enlace e mútuo compromisso de ações sociais de vocação popular, envolvendo, de um lado, pessoas e agências sociais “eruditas” (como um sociólogo, um educador de carreira ou uma Ong de direitos humanos e, do outro lado, pessoas e agências sociais populares (como um camponês semialfabetizado no Brasil, um indígena

tarasco no México, um operário sindicalizado argentino, ou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) a *educação popular* e todas as modalidades de ação cultural de vocação política emancipadoras abrem-se hoje a diferentes possibilidades de relacionamentos entre os dois polos de atores sociais envolvidos, interativos e participantes.

No âmbito da América Latina e do Caribe, assim como de outras regiões do Terceiro Mundo, a expansão de movimentos sociais populares daria às diferentes alternativas de ação social transformadora uma nova e, às vezes, radical conotação. Uma múltipla releitura de teorias e de procedimentos de ação social popular desenharia o rosto da identidade dos estilos participativos da educação e da investigação social.

Entre acontecimentos que vão do âmbito de uma pequena escola rural a processos de mobilização social em escala nacional, na aurora dos anos sessenta ocorreu entre nós um florescimento notável de experiências interativas e sociais. Novas propostas emergentes e insurgentes, onde ideias e projetos contidos em conceitos como “ação” e “participação” foram entretecidos com outras palavras, de que: “crítica”, “criatividade”, “mudança”, “desenvolvimento”, “transformação”, “revolução” são bons exemplos.

Descobríamos que para realizarmos projetos de “organização social”, de “mobilização popular” e de “mudança” ou “transformação”, seriam necessárias novas modalidades de educação e de produção sistemática de conhecimentos sobre a “realidade”.

A educação popular e a descoberta de nós-mesmos

Quero convocar aqui o testemunho do próprio Paulo Freire para antecipar algo que me parece substantivo, quando pensamos as origens da *educação popular* na América Latina. Quem leia com atenção *Pedagogia do Oprimido*, assim como os seus livros em diálogo com a África, verá que suas leituras envolvem tanto autores do “primeiro mundo”, como pensadores e ativistas “terceiro-mundistas”, como Amílcar Cabral, Samora Machel, Franz Fanon e Alfredo Memni. Em reiterados depoimentos “ao vivo” Paulo nos incentivava a “sulear” nossas leituras e mentes. E nos desafiava a buscar em autores entre a África e a Nicarágua insurgentes, se não todas, pelo menos boa parte das fontes e essências de nossos diálogos.

E esta é apenas a ponta da meada de algo que vivemos intensamente aqui na América Latina desde o alvorecer dos anos sessenta. Mas algo de que com frequência nos esquecemos, talvez de tanto nos acostumarmos a haver vivido

o que vivemos. Falo do fato de que tanto no campo exclusivo da educação, quanto no de ações sociais contestatórias a ela associadas de algum modo, pela primeira vez um modo de pensar, de propor e de praticar “uma educação” como uma “pedagogia do oprimido”, franca e intensamente nos latinoamericaniza.

Em que outro momento de nossa história nacional e, sobretudo, latino-americana, alguma modalidade de prática emancipatória através (também) da educação, nos fez saltar fronteiras e nos colocou face a face, em diálogo, após as sucessivas independências (sempre relativas) de nossas sociedades nacionais? Provavelmente isto aconteceu em algumas situações ora efêmeras, ora mais duradouras, mas sempre limitadas, envolvendo movimentos emancipatórios de cunho socialista e/ou anarquista⁴.

No entanto, até onde meus estudos e a minha memória alcançam, reconheço que foi com o advento da *educação popular* - e também da *teologia da libertação*, da *pesquisa participante* e de outras práticas emancipatório-populares estilo MST brasileiro, lembradas antes neste escrito - que dois fatos ocorreram entre o começo dos anos sessenta e a maturidade dos setenta.

O primeiro: a *educação popular* cala, em termos, a nossa leitura vinda do Norte. E depressa ela gera entre nós os seus próprios autores-atores, e nos desafia a um crescente e vigoroso repertório de teorias, de propostas e de programas de ação e de práticas emancipatórias. O que mais deve ser ressaltado neste acontecer é o fato de que ele não se limita, por exemplo, a “Países do Cono Sul”, mas estende-se dos desertos do Norte do México aos da Patagônia Argentina.

Trago aqui o meu próprio exemplo. Durante anos que vão de 1963 a 1966/8 conheço e leio educadores populares brasileiros que associo a pensadores da Europa. A partir de 1966/68 inverte o eixo de minhas leituras entre autores que “fazem a minha cabeça”, e educadores com quem dialogo. Assim, em pouco tempo reduzo a leitura do pensadores “apenas brasileiros” e limito bastante a leitura exclusiva de estudiosos e educadores do “Primeiro Mundo”. Em poucos anos dialogo, entre encontros, cursos e outras vivências, com educadores populares latino-americanos, e faço deles os meus interlocutores e “mestres” mais frequentes e mais essenciais até hoje.

O segundo acontecimento: e ele é derivada direta do primeiro e de meu depoimento linhas acima.

⁴ Lembro que em alguns locais do Brasil, especialmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul, foram criadas e floresceram “escolas anarquistas”. Algumas delas, dedicadas a operários e a filhos de operários, foram violentamente reprimidas por “ditaduras de plantão” nos começos e meados do século XX. Desconheço experiências semelhantes em outros países, mas tenho motivos para desconfiar de suas existências. Não sei se algum intercâmbio extra-fronteira existiu em algum momento.

Por uma primeira vez somos obrigados a saltar fronteiras. Aprendemos a abrir a porta estreita de “nossos autores nacionais”, e a nos lançar a estabelecer um aberto diálogo transnacional com pessoas de outros países, de outras formações culturais, de outras escolas de pensamento. A bibliografia de nossos estudos - a menos que seja referida a algum tema restritamente “nacional” como “a luta pela escola pública na Argentina durante a ditadura militar” - não pode mais deixar de buscar referentes entre educadores de vários de nossos países, e de vários momentos do acontecer da educação popular, de ações sociais emancipatórias e de movimentos sociais populares.

Imagino que de forma tão ampla e dialógica, apenas a literatura – e mesmo assim em termos e em longo prazo – terá produzido entre nós uma tão alargada abertura dialógica latino-americana. E, entre latino-americanos, um quebrar fronteiras tão inovador. Depois de Paulo Freire – ele mesmo um homem que sem se des-nacionalizar (e “des-nordestinizar”, em seu caso específico) depressa se reconhece um educador de vocação popularmente universalista – a educação popular dialoga entre nós e através de nós.

E, lembro uma vez mais, ela se desvela e dialoga a partir de uma descentralidade tão perene e tão visível que resulta improcedente buscar na América Latina um qualquer lugar onde a educação popular possa ser hoje “mais central”. E apenas para recordar apenas algumas pessoas de nossos “tempos pioneiros”, recordo que ao longo de vários anos as pessoas mais presentes em minhas leituras e diálogos eram Garcia Huidobro, Pablo Latapi, Felix Cadena, Oscar Jara, Beatriz Bebiano Costa Moacir Gadotti, Osmar Fávero, Carlos Alberto Torres, Sergio Martinic, Jorge Osório, João Bosco Pinto, Paulo Rosas, Orlando Fals Borda, Maria Tereza Sirvent, Pancho Vio Grossi, Sylvia Schmelkes, Adriana Puigrós, Ricardo Cetrullo, Isabel Hernandez, Rosa Maria Torres, Baldoino Andreolola, Marcela Gajardo, Marco Raúl Mejía, Alfonso Torres Carrilo, Augusto Boal (e seu teatro do Oprimido) e, claro... Paulo Freire.

Era através de nós-mesmos que íamos aos outros, os de mais longe e do outro lado do Oceano Atlântico e do Equador. E até mesmo Antônio Gramsci nos era essencial porque mais nos parecia um militante cubano do que um italiano. Descolonizados geopoliticamente, cedo aprendemos a nos descolonizar continentalmente. Mesmo em tempos de Paulo Freire retornado de seu longo exílio e ativamente presente entre nós, inclusive agora como professor de universidades paulistas, de modo algum o Brasil se constitui como uma “pequena Meca” da educação popular.

Assim, do passado dos anos sessenta-setenta até hoje, entre nós nenhuma nação entre nós torna-se uma referência única ou prioritária. . Nenhuma

universidade latino-americana, ou outro qualquer centro de estudos, é em momento algum culturalmente hegemônico. Nenhum de nós foi ou é “referência exclusiva”, ou mesmo proeminente. A metáfora dos “círculos de cultura” dos anos sessenta torna-se a realidade metonímica entre todos nós nos anos e eras seguintes.

Insisto em que em termos de história e de pedagogia militante, este fato não é nem marginal e nem folclórico. Ele me parece essencial. E custa crer que em suas acadêmicas miopias uma “história oficial da educação na América Latina” possa atravessar os anos - dos sessenta aos dias de hoje - sem se dar conta da importância cultural e transcultural deste acontecimento.

Do MEB ao CREFAL – o começo de uma trajetória pessoal

As ideias de Paulo Freire e *dos movimentos populares de cultura* nos abriram portas e praças em direção a várias propostas de ação social através da política; da ação política através da cultura; e da ação cultural através das artes, e também da educação⁵.

Em janeiro de 1964, poucos meses antes do golpe militar, eu ingressei como estagiário na *Equipe de Animação Popular do Movimento de Educação de Base*. O que parecia ser um tempo de “experiências” de um estudante acabou tornando-se um envolvimento de toda uma vida.

O *MEB* ensinou-me a transitar de um “estudante-engajado” em direção a um “profissional-militante”. Era parte de meu trabalho inicial o formar educadores populares especializados nas linhas de ação do *Movimento de Educação de Base*: a alfabetização e a pós-alfabetização, através de um trabalho pedagógico centrado em “escolas radiofônicas”. Estive ligado ao *MEB* de dezembro de 1963 até janeiro de 1966. Fui, anos mais tarde, um dos integrantes do seu Conselho Assessor.

Após o golpe militar compreendi que não poderia mais estar estudando para ser um “profissional de consultório”, como um psicólogo. Abandonei a Psicologia e resolvi me dedicar por inteiro à Educação Popular. Uma dupla bolsa de estudos oferecida pela *UNESCO* e a *OEA* nos enviou, minha esposa, Maria Alice (coordenadora do *MEB-Goiás*) e eu, ao México, com destino a um curso de

5. Tenho lembrado com insistência como na aurora dos anos sessenta o que nos unia e mobilizava era a “cultura popular”, pensada agora e vivida não como “o folclore do povo”, mas como uma dimensão de lutas emancipatórias através de uma nova cultura gerada pelo diálogo entre militantes e educadores populares e protagonistas populares de movimentos emancipadores. Lembro que em janeiro de 1962 Paulo Freire e sua equipe do Nordeste acolhem pessoas e grupos vindos a Recife de todo o Brasil, para um *1º Encontro Brasileiro de Movimentos de Cultura Popular*. O que veio a ser mais tarde a educação popular situava-se como uma das áreas e frentes de lutas da “cultura popular”.

Educação de Adultos em um instituto até hoje existente, com este nome: *Centro Regional de Alfabetização de Adultos para a América Latina*. Fomos em fevereiro de 1966 e retornamos em outubro deste mesmo ano. Lembro-me que em setembro deste ano apresentei, no “dia da alfabetização”, a estudantes e professores do CREFAL, pela primeira vez fora do Brasil, o “Método Paulo Freire de Alfabetização”⁶.

Começávamos a viver no Brasil de então, entre 1964 e 1968, um difícil momento de tentativas de resistência efetiva ao regime militar instaurado no Brasil.

Em 1967 ingressei como professor na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Em 1968 tornei-me professor da Universidade Federal de Goiás. Mas já no começo de 1969 precisei refugiar-me no Rio de Janeiro devido a ameaças à minha liberdade e segurança em Goiás. O retorno forçado ao Rio de Janeiro reescreveu com pequenas diferenças a mesma história que eu havia vivido desde então, sobretudo quando do ingresso na universidade. A convite de companheiros da *Juventude Universitária Católica* e do *MEB* vinculei-me ao *Centro Ecumênico de Documentação e Informação – CEDI*. Esta Instituição cristã, dividida entre católicos e evangélicos “de esquerda”, estava era parte de um movimento igualmente ecumênico que existia em boa parte da América Latina. O *ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina* entrou em minha vida - e nela permaneceu por vinte e cinco anos - de uma maneira fortuita.

O *CEDI* estava iniciando nos começos de 1969 um programa de formação de educadores populares associados a diferentes igrejas de um modo ou de outro vinculadas ao que viria a ser a teologia da libertação. A ideia era a de nos encontramos com pequenos grupos de “militantes” em diferentes países, para dialogarmos algo de teoria e prática da educação popular, tal como a praticávamos no Brasil. Assim, entre a Argentina e a Costa Rica, lembro-me de uma fecunda sequência de encontros e de oficinas de estudos. Uma imagem daqueles anos me vem agora: utilizando uma mínima lousa de escola eu tentava desdobrar uma “ficha de descoberta” do Método Paulo Freire diante de um punhado de educadores mestiços e indígenas Aymaras nos Andes do Equador. Foram várias as experiências. Foram sempre um risco assumido. Foram inesquecíveis.

Lembro agora um dos desdobramentos de nosso programa latino-americano de viagens e de pequenos encontros e cursos sobre a educação popular. A pedido de algumas pessoas com quem nos encontrávamos aqui e ali, comecei a escrever pequenos artigos sobre nossos temas de teoria e de prática. Em alguns lugares eles eram mimeografados e repartidos.

⁶ Esta apresentação pioneira foi depois transformada em um pequeno folheto mimeografado pelo CREFAL, com este nome: *El Método Paulo Freire para la Alfabetización de Adultos*.

Foi então que surgiu no *CEDI* a ideia de reunir os meus escritos de ocasião, e formar do conjunto um pequeno livro. Recebi assim como uma “tarefa política” o escrever o livro. Retomei os meus escritos um a um. Reescrevia os capítulos linha a linha, e os submetia ao julgamento de Beatriz Bebiano Costa, de Jether Pereira Ramalho e de Elter Maciel. Pronto e criteriosamente revisto o livro, em uma reunião de ISAL em Montevidéu com gente do Brasil, da Argentina e do Uruguai, foi estabelecido que o livro seria publicado pela Editora Siglo XXI, de Buenos Aires, depois de traduzido. Em pleno “ano de fogo” no Brasil de 1970, chegamos à conclusão que um livro com aquele teor não deveria sair com o meu nome, pois eu poderia correr riscos no País. Conversamos muito sobre o tema, e Júlio Barreiro, um teólogo-militante uruguaio, foi escolhido para nominar o livro.

Educación Popular y processo de concientización, meu primeiro livro (fora um outro, de poesia), foi publicado em Buenos Aires, em 1974. Depois do golpe militar na Argentina ele foi proibido, e suas edições seguintes foram transferidas para o México e depois para a Espanha. Em Espanhol ele chegou a quinze edições.

Pela primeira vez, de forma mais cotidiana e consistente eu me vi ligado a pessoas do povo em Goiás, onde vivia então. Somos então pequenas equipes de “gente da base” e “agentes de pastoral” dedicados a trabalhos de “formação” de educadores e de pesquisas participantes. Foi em Goiás, no Centro-Oeste do Brasil que vivi o período mais longo e fecundo entre atividades divididas entre a educação e a pesquisa junto a grupos e movimentos populares.

Do ISAL ao CEAAL

Até onde posso me lembrar, ingressei no então nascente CEAAL junto com Paulo Freire. Teria sido um tempo entre o final dos anos setenta e os primeiros anos dos oitenta. Um documento assinado por Elza Maria Fonseca Falkembach relembra atos de fundação do CEAAL.

Foi em 1982 que O CEAAL teve formalizada sua criação. Porém, a necessidade e ideia de sua constituição já estavam a caminho desde os anos 70, adquirindo força em 80, durante a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, ocorrida em Jomtien, Tailândia, quando se reconhecia “a necessidade de contar com uma rede latino-americana para fortalecer a ação educativa a partir da sociedade civil”. No ato de sua formalização, quando estiveram presentes educadores e educadoras de 21 países da

América Latina e Caribe, o Brasil se fez representar por: Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e Moema Viezzer (http://www.ceaal.org/).

É importante lembrar os cenários de então na América Latina. Entre países sob ditaduras, países saindo de ditaduras e países às voltas com nossas frágeis e sempre imperfeitas democracias, vivemos durante esses anos um tempo de criação e diálogo ao redor da educação popular e todas as outras modalidades de pensamento insurgente e ação emancipatória.

Paulo Freire retornou a um Brasil de um tempo de esgotamento do regime militar. E retornou em um momento em que a educação popular difundia-se por todo o continente. Nunca vivemos tantos encontros, tantas trocas de experiências e de intercâmbios de ideias.

E é então quando vivemos da Argentina ao México duas décadas em que, a partir das sementes lançadas por Paulo Freire e os precursores de *cultura e educação popular* dos anos sessenta, todo um imaginário de pensamento e ação de vocação emancipadora e popular foi re-fertilizado, re-trabalhado e re-ventado. Se lembramos sempre a “refundação da educação popular”, com felicidade ocorrida anos mais tarde, seria essencial pensarmos uma breve era anterior de “recriação da educação popular”. Lembro agora não tanto o que produzimos, escrevemos e experimentamos, mas a vivência de um fecundo diálogo sem fronteiras.

De Sul a Norte do Continente nós, então jovens educadores populares de então nos dedicamos a compartilharmos as mais diversas e fecundadas experiências de um diálogo cujos efeitos postos no papel, ao redor da mesa ou nas frentes de lutas populares em toda a América Latina estão ainda a merecer uma memória histórica do tamanho de sua ousadia.

E, entre Punta de Tralca no Chile, a Manágua, Havana, e Ciudad Vitória, no México, ao longo dos anos entre duas ou três décadas, compartilhamos uma variedade de encontros ao redor de ideias e depoimentos de práticas de que os vários livros dos anos setenta a noventa poderiam ser um eloquente testemunho. E devo retomar então algumas palavras de páginas antecedentes neste escrito. Tendo em Paulo Freire a pessoa conectiva (ele próprio gostava de pensar-se como “um homem conectivo”) e fortemente inspiradora, nós nos lançamos desde nossas “realidades” locais, nacionais e continentais, em busca de uma fecunda recriação da educação popular. E vivemos “isto” com uma atitude coletiva que tornava uma prática de pensamento e ação aquilo em que acreditávamos como uma teoria e uma vocação.

Éramos então – e penso que seguimos sendo ao longo dos tempos – uma coletividade de iguais diferenciados. Nenhuma pessoa de então ousou apresentar-se como um novo “guia de ideias”. Nós nos ouvíamos e entre nós nos falávamos em um cenário de igualdade partilhada que jamais encontrei nas várias universidades onde foi docente e pesquisador. Não havia entre nós títulos e hierarquias. Relembro que o círculo de cadeiras ou ao redor de uma mesa foi sempre a nossa imagem e, presente ou não, Paulo Freire estava sempre “ali”, como um entre tantos. Desde os começos nós, educadoras e educadores populares da América Latina e do Caribe nos apresentamos como uma verdadeira “comunidade em diáspora”.

E ao longo desde tempo todo, desde mesmo antes de sua fundação, através das palavras e ações de pessoas que vieram a ser seus fundadores ou, mais tarde, seus integrantes, o CEAAL a meu ver foi bem mais do que uma outra instituição social dedicada à educação popular. A imagem de uma rede me parece bastante mais fecunda do que a de uma instituição. Pois em meu imaginário é justamente isto o que o CEAAL tem sido desde a sua criação. Um imenso “círculo de cultura” sempre em movimento. Um lugar entre todos, em qualquer “local do continente” aberto e propiciador de encontros e diálogos.

Até onde posso me lembrar, durante anos foi pelo CEAAL ou através dele que vivi alguns dos anos mais criativos e partilhados de minha vida. Se pudesse inovar meu currículo vitae, detalhando os momentos e cenários em que vivi as minhas mais inesperadas, fecundas e persistentes formações vocacionais e profissionais, deveria colocar em segundo plano as minhas pós-graduação acadêmicas (e no Brasil, e sobretudo em São Paulo, a carreira docente supõe ainda três degraus após o “doutorado”) e deveria atribuir a momentos vividos entre educadores populares das várias redes de um sequente CREFAL-ISAL-CEAAL, ou criadas e estabelecidas desde e através dessas instituições-sementeiras, o lugar mais central e decisivo em minha formação.

Estamos agora em vias de ousar um passo adiante em nossos diálogos. Entre a aurora dos anos sessenta e essas quase duas décadas completas do século XXI, estamos aprendendo a diferenciar nossos imaginários e ações emancipadoras. Aprendemos a pensar e viver tempos que são ainda os mesmos e já são outros. Tempos em que são os mesmos e outros os desafios e os dilemas. Compartimos “novas eras” em que novos atores saem da plateia e sobem ao palco das ações emancipadoras e populares. E nos abrimos a novas comunidades insurgentes, a novas frentes de lutas e resistências (ou de persistência, ou mesmo de resiliência), a novos e diferentes atores individuais e coletivos.

E então me parece chegada a hora de os convocarmos a passarem de “aqueles em nome de quem agimos”, para “aqueles com quem aprendemos a agir”. E, a partir daí, incorporá-los aos nossos “círculos de cultura”, aos nossos momentos de “ao redor da mesa”, aos nossos encontros e diálogos. Tanto aqueles que vivemos quando nos entre-falamos-e-ouvimos, quanto aqueles que, em seguida, colocamos por escrito.

A excelente revista do CEAAL tem este nome: *La Piragua*. Este é um nome entre outros que os povos da América Latina e do Caribe dão à canoa em que pelos rios viajam. Penso que é chegado o tempo em que pessoas, grupos e comunidades populares deveriam embarcar em tais canoas. Creio que é chegado o tempo de aprendermos a compartilhar com elas e eles os remos da Piragua. E pressinto que não deve andar longe o tempo em que caberá a eles tomar o leme e decidir a direção da Piragua e da viagem.

Sobre dois livros separados por quarenta e três anos

Entre 1969 e 1972 eu escrevi o meu primeiro livro, em meio a viagens clandestinas pela América Latina. Em tempos de ditadura militar em meu País, lembro que ele saiu na Argentina e com o nome de um amigo uruguaio. *Educación Popular y proceso de concientización* conheceu seguidas edições em Espanhol.

Estamos em 2017. Em setembro deste ano vivi em Rosário uma nova grande alegria. Durante um encontro entre educadores populares e praticantes da IAP, foi lançado um outro livro meu em Espanhol. O seu título traduz bem o passar dos anos: *La Educación Popular de ayer y de hoy*⁷.

De fato, tal como combinei com Roberto Elisaldi, o seu paciente e atencioso editor, o livro resultou em uma coletânea de escritos que vão dos “rascunhos” mimeografados do que vieram a ser capítulos de *Educación Popular y proceso de concientización*, até artigos escritos ao longo deste ano de 2017. Assim, foram seis décadas de pensar, praticar e escrever sobre e desde a educação popular

⁷ Entre 2016 e 2017 alguns educadores populares do continente lançamo-nos em busca da primeira vez em que em algum livro ou artigo essas duas palavras: *educação* e *popular* aparecem juntas. Claro, descartamos aqueles que recordam como elas surgem juntas entre meados do século XIX e os começos do século XX. Buscávamos encontra-las reunidas no que foi a instauração dos anos sessenta. Mesmo nos escritos de Paulo Freire, de antes, de durante e de depois de seu exílio elas foram encontradas juntas. Paulo viajou sempre entre “educações” que traduzissem, como ideia e como prática, os seus imaginários humanizadores e os seus ideais libertários, e pedagogias que ora dessem nome aos seus destinatários, como em “do oprimido”, ora associação o ato de ensinar-e-aprender a virtudes ou a estados do espírito como “esperança”, “autonomia”, “indignação”. Assim, de acordo com os achados bibliográficos de Oscar Jara, pode ser que justamente em *Educación Popular y proceso de concientización* pela primeira vez, juntas, essas duas palavras tenham aparecido em um título de livro. Lembro que, no entanto, desde o ano de 1960 havia na Paraíba, no Brasil, um *Centro de Educação Popular da Paraíba – CEPLAR*.

reunidas neste que não se será o meu último trabalho sobre um tema, um dilema e uma vocação que me acompanham décadas atrás.

Tempos em que, juntos e espalhados pela América Latina, buscávamos, em substantivos e adjetivos como “emancipadora”, “liberadora”, “conscientizadora”, “do oprimido”, “da esperança”, “da autonomia” palavras que traduzissem uma inovação e uma ousada transgressão a que demos mais tarde o nome de *educação popular*.

Livros e artigos lembrados, recomendados e citados

Barreiro, Júlio

Educación popular y proceso de concientización

1974, Editorial Siglo XXI, Buenos Aires

Brandão, Carlos Rodrigues

La Educación Popular de ayer u de hoy

2017, Editorial Biblos, Buenos Aires

Brandão, Carlos Rodrigues

El método de Paulo Freire de Alfabetización

1968, CREFAL, Pátzcuaro, mimeografado

Falkrembach, Elza Maria Fonseca

CEAAL – espaço e debate

COMPLETAR

Fávero, Osmar

Memória dos anos sessenta – cultura popular e educação popular

1983, Edições GRAAL, Rio de Janeiro

Freire, Paulo

Paulo Freire em Buenos Aires

1985, CEAAL, San José, mimeografado